

CAPÍTULO 9

REVELAÇÃO

Cidade de Cristo – Residência dos Enllux.

Gabriel dormia em seu quarto, ele estava inquieto. Terríveis pesadelos o atormentavam, se movia de um lado para o outro, agonizando, até que finalmente despertou, suando, assustado, o coração batia acelerado.

O garoto olhou ao redor, estava deitado na cama. Tudo parecia normal, o relógio apontava por volta das nove da manhã do dia vinte de outubro, um sábado. Ele se acalmou aos poucos, olhou para o braço direito e viu que ainda estava enfaixado.

Em silêncio, o menino se levantou, saiu de seu quarto, olhou ao redor da casa com estranheza, incomodado com algo. Desceu as escadas, pelas janelas da casa percebeu que não havia nada diferente na vizinhança, parecia tudo muito calmo.

— Foi... Só um sonho? – indagou-se, ainda desconfortável.

Ele ergueu seu braço direito, aproximou a mão esquerda com intenção de retirar as bandagens, mas o som de algo fritando chamou sua atenção. Andou em direção à cozinha, ao se aproximar, viu Izabell, parecia preparar o almoço.

— Mamãe...? – pareceu aliviado em vê-la.

— Bom dia, dorminhoco. Dormiu bem? – indagou, com um sorriso.

Gabriel não pôde evitar, os olhos se encheram de lágrimas, correu para abraçá-la.

— Ei, o que houve? Por que está chorando?

— Eu... Eu... – soluçava, mal conseguia falar. — Achei que...

— Calma, está tudo bem... – acariciou sua cabeça, o abraçou. — Teve um pesadelo, foi? – riu. — Não precisa ter medo. Mamãe vai te proteger – Gabriel sentiu algo caindo no seu rosto.

— Ma... – o garoto engoliu seco, não conseguiu falar, nem se mover, ao vislumbrar o rosto de Izabell, estava ensanguentado, o corpo estava cheio de cortes e feridas horríveis, no lugar dos olhos dela viu um vazio sem fim. Recuou, tremendo. — Fique longe...

— Que foi? Por que tá fugindo da mamãe? Venha até aqui, irei proteger você! – o sangue começou a se espalhar, inundando o lugar. — Seja um bom garoto! – engrossou a voz.

— Não tenha medo! – Gabriel congelou ao escutar a voz de Garougo. — Eu irei salvá-lo do sofrimento! – uma espada atravessou as costas e o tórax do garoto, que vomitou sangue. — Logo vocês estarão juntos! – o lowder apareceu ao lado de Izabell. — Veja... – brutalmente decepcionou a cabeça da mulher. — Ela já tá acabada! Morta! Morta! Morta! Por sua culpa! Ela está morta!

— Pare... Por favor, pare! Pare! Pare! – Gabriel estava em pânico.

— Como quiser! – Garougo apareceu de frente pra Gabriel, ficou cara a cara com o menino. — Vou libertá-lo! – brutalmente esmagou a cabeça dele.

Tudo o que se ouviu depois foi um grito, um agonizante som de desespero e terror. Gabriel acordou subitamente em sua cama, ao escutar dos berros, Senji correu para dentro do quarto.

— Gabriel! – abraçou o menino, ainda gritava. — Acalme-se Gabriel! – pediu, ele tremia freneticamente, litros de suor escorriam do corpo pequeno, respirava com ritmo acelerado, os olhos não apontava para nenhuma direção, pareciam perdidos. — Tá tudo bem agora! Tá tudo bem. Volte a si... – tentou acalmá-lo. — Tô aqui com você... – acariciou-lhe a cabeça, aos poucos, se tranquilizou.

— Papai... – Gabriel voltou a si.

— Se acalmou? Quer um copo d'água? – ficou aliviado.

— Pa-... – os olhos dele se encheram de lágrimas. — Papai! – apoiou a cabeça contra o peito de Senji, começou a chorar.

— Eu sei... – Senji o abraçou forte, enquanto acariciava sua cabeça. — Vai ficar tudo bem... – tentava confortar a criança. — Você deve ter tido um pesadelo realmente horrível... – os olhos do homem se encheram de tristeza.

Gabriel continuou chorando, e chorando, e durante horas, não cedeu, não conseguia se conter. As lágrimas caíram até os olhos secarem, e por causa do cansaço, acabou caindo no sono. Senji o deitou gentilmente, o cobriu, deixando o quarto em seguida. Desceu as escadas até a sala, onde Kazékiu o aguardava sentado em uma poltrona.

— Como ele está?

— Ele acabou dormindo de novo, mas pra ser sincero, eu não sei dizer se ele realmente lembra o que aconteceu, ou se foi só um pesadelo... — Senji sentou-se, parecia exausto.

— A reação dele foi muito forte pra ser só um sonho. Provavelmente você está certo sobre ele não se lembrar de nada, deve ter sido uma crise de estresse por causa do trauma. Muita coisa aconteceu, e ele é só uma criança ainda.

— É uma situação muito delicada, e eu tô completamente perdido sobre o que fazer agora.

— Você não dormiu nem um minuto desde que tudo aconteceu. Descanse um pouco e pense nisso depois.

— Talvez o senhor tenha razão, mas não consigo relaxar, e ainda não sei como contar pra ele... — estava aflito. — E nem sei por onde e nem como começar.

— Talvez isso não seja um problema... Não é, Gabriel?

Kazékiu desviou os olhos em direção as escadas, Senji se surpreendeu e imediatamente virou-se, viu o pequeno em pé sobre os degraus. O garoto estampava profunda tristeza.

— Gabriel... — ficou sem palavras. — Há quanto tempo está aí?

— Ele acabou de descer as escadas... — constatou Kazékiu. — Mas ele sabe muito mais do que você imagina, Senji.

— Eu não lembro de tudo... — admitiu, com a voz fraca. — Mas de uns meses pra cá meus ouvidos começaram a ouvir tudo, até se tiverem cochichando longe de mim, eu consigo ouvir... — colocou a mão na bandagem do braço direito, puxou de uma vez, revelando seu braço negro de aparência demoníaca. — Por favor, me conta o que tá acontecendo comigo! — Senji ficou chocado.

— Foi por isso que disse que não havia mais tempo... — Kazékiu ressaltou. — Izabell insistiu que esconder o braço seria suficiente, mas ele descobriu o que estava acontecendo e não disse pra ninguém.

— Eu fiquei curioso pra saber por que queriam tanto esconder o meu braço! — começou a chorar. — Por isso eu tirei as bandagens quando a minha mãe não tava vendo, e ele tava todo deformado!

— Era inevitável que isso acontecesse – disse Kazékiu.

Senji cerrou os punhos, e pressionou os dentes, não sabia o que dizer.

— Que tipo de aberração eu sou?! – gritou, com todas as forças.

Ao ouvir aquelas palavras, Senji ficou chocado, sentiu algo dentro de si despedaçando, percebeu o erro que havia cometido. Foi tomado por indignação e correu para abraçar o menino.

— Você não é uma aberração! – gritou, o pequeno ficou surpreso com a reação dele, as lágrimas pararam sem que nem percebesse. — Você é nossa esperança! – declarou. — Nunca mais diga algo assim!

— Esperança...? – ficou um pouco confuso.

— Nos perdoe por não dizer nada, sua mãe e eu estávamos com medo de perder você... – admitiu, enquanto enxugava as lágrimas do pequeno. — Você é nosso precioso filho, e nós te amamos muito. Você não é um monstro, e muito menos uma aberração!

— Então, o que é que eu sou...?

— Esperamos pra você ficar um pouco mais velho, antes de te dizer a verdade, mas agora vejo que já tá na hora de você saber – respirou fundo, e suspirou. — Gabriel... – hesitou por um segundo. — Sei que vai parecer confuso, mas o que eu vou te dizer agora é a mais pura verdade. Eu... – se conteve. — Eu não sou seu verdadeiro pai.

— O que...? – ficou pasmo, não conseguiu falar, ou melhor, não sabia o que dizer, nem como reagir, permaneceu em silêncio.

— Eu sei que é repentino ouvir isso do nada, mas escute com atenção – foi direto. — Há quase trinta anos nosso planeta passou por uma crise, os humanos foram alvos de pequenas máfias e traficantes que queriam vender a gente como escravos e usar os humanos como cobaias para experimentos militares.

— Foi uma época sombria... – continuou Kazékiu. — A Signios estava passando por uma crise interna e não pôde prestar assistência, apenas alguns voluntários como eu foram enviados pra ajudar. Houve muitos sequestros e mortes, milhares desapareceram e muitas crianças ficaram órfãs. Senji foi uma delas.

— Só quinze anos depois do início da crise é que a Signios estabilizou e finalmente enviou reforços. Foi quando Izabell veio a este mundo pela primeira vez, como líder da operação pra erradicar os invasores.

— Pela primeira vez...? – Gabriel ficou confuso. — Como assim?

— Sua mãe não era uma humana, Gabriel... – revelou Kazékiu. — Ela era uma humanide, uma das nobres raças da Hierarquia Primordial.

— Sua mãe sempre foi completamente diferente de nós, apesar de não parecer, ela já tinha vivido milhares de anos. E enquanto a expedição acontecia algo inesperado aconteceu. Izabell e os cavaleiros Signios encontraram um anolito vagando pelo planeta, sem motivo algum, ele ofereceu ajuda.

— Anolito...? – o menino estava cada vez mais perdido.

— Outras das cinco nobres raças da Hierarquia Primordial – continuou Kazékiu. — Normalmente, os anolitos não são vistos, não se sabe onde fica seu mundo, e não é comum que se comuniquem com outros seres, a maioria deles são selvagens obcecados em batalhas. E é extremamente raro encontrar um, por causa disso sua própria existência é um mito.

— Mesmo eu não sei o motivo dele estar aqui, mas era muito diferente dos anolitos que mestre Kazékiu descreveu. Ele ajudou a sua mãe com a operação dela e enquanto estavam juntos, acabaram se apaixonando um pelo outro e mantiveram uma forte relação, se amando profundamente.

— Mas era um amor proibido, por serem de raças diferentes, mas principalmente por serem da Hierarquia Primordial – explicou Kazékiu.

— O que ninguém esperava é que Izabell acabasse grávida.

— Por serem de raças completamente diferentes, é algo inimaginável o que aconteceu. Ela estar grávida era um verdadeiro milagre.

— Poucos de nós sabiam sobre isso – continuou Senji. — Eu era apenas um aprendiz nessa época, e mestre Kazékiu já era o meu mentor, e foi através dele que conheci Izabell e acabei envolvido com a gravidez dela e seu romance com aquele anolito.

— Mas pouco antes de você nascer, os anolitos descobriram sobre sua existência e ordenaram que fosse morto enquanto ainda estava no ventre da sua mãe. Por sorte, seu pai era extremamente influente, e usou isso pra salvá-lo. Em troca, ele se entregou e aceitou voltar ao seu mundo de origem, condenando-se ao exílio eterno.

— Ele e Izabell foram cruelmente separados, e ele sequer pôde ver seu nascimento. Não demorou muito pra que sua mãe desse a luz, pra nossa surpresa, você nasceu completamente humano, não havia nada em seu corpo que lembrasse o seu pai ou os anolitos.

— O Marechal da Signios daquela época era um brilhante médico e cirurgião. Ele disse que você havia nascido com todos os traços naturais de sua mãe, mas que durante a puberdade, quando seu corpo começasse a mudar, você provavelmente ganharia traços do seu pai. Esse braço direito é a prova de que ele estava certo – explicou Kazékiu.

— Naquele dia a Signios se responsabilizou por garantir que ninguém soubesse de você, que seria uma informação confidencial. Mantiveram mestre Kazékiu aqui pra cuidar de Izabell, e deram pra ela a licença dos serviços militares, pra que pudesse criar e cuidar de você.

— Você não é um humano, não é humanide e nem é um anolito, você é todos eles e nenhum deles ao mesmo tempo. Você é único, não existe ninguém igual a você em todo o universo. É o primeiro híbrido a nascer em bilhões de anos, o primeiro em muito tempo a nascer entre as nobres raças da intocável Hierarquia Primordial.

— Eu sei que pode ser difícil processar tudo isso de uma vez só, mas aos poucos você vai se acostumando com a ideia.

Gabriel permaneceu em silêncio, estava boquiaberto, completamente pasmo, ainda tentava entender tudo o que havia escutado.

— Então o que aconteceu comigo naquele dia... – começou a lembrar. — A última coisa que lembro foi ver aquele monstro machucando você e minha mãe, depois tudo ficou escuro. Eu sentia meu corpo se movendo sozinho.

— Aquele foi o despertar dos seus poderes... – revelou Kazékiu. — O seu choque emocional acordou seus instintos de anolito e fez seu corpo entrar numa espécie de modo de ação automático. Os anolitos são conhecidos por serem uma raça de poderosos guerreiros, desde crianças já conseguem lutar no mesmo nível de adultos.

“Pra mim ele parecia completamente diferente”, pensou Senji, “Mesmo com todo o instinto selvagem dos anolitos, aquela estava longe de ser a personalidade dele”.

— Eu também tenho certeza que por um momento eu vi a minha mãe agarrando aquele lowder e desaparecendo junto com ele... – se lembrou dos momentos finais de Izabell. — O que aconteceu com ela? – perguntou, com tristeza.

— Ela se sacrificou pra nos salvar... – disse Senji, frustrado. — Usou a própria vida pra proteger a nossa.

— “*Raijin: Estrela Cadente*”, uma habilidade que sobrecarrega o corpo muito além do limite até provocar sua autodestruição, levando junto tudo que estiver próximo. Ela usou eletricidade para manter seu coração batendo por mais de vinte minutos, enquanto reunia energia para usar seu último recurso, e fez tudo isso de forma que o lowder sequer percebesse, mas só foi possível por que você perdeu o controle e manteve aquele monstro ocupado – explicou Kazékiu.

— Os ferimentos dela eram muito graves, qualquer um teria morrido na mesma hora. Os humanides possuem uma enorme força vital, mas o que realmente manteve ela viva foi a força de vontade pra proteger você, Gabriel. Pelo seu bem, Izabell não se importou em dar a própria vida, e foi graças a isso que a cidade e todos os outros foram salvos. Mesmo odiando admitir, foi a única saída.

— Sua mãe não queria que você guardasse a lembrança de vê-la num caixão, e que muito menos desejasse vingança. Tudo que ela fez, foi por amor. Quando eu fui subordinado dela, ela sempre dizia: “*Se algum dia eu morrer, levarei comigo aquele que me derrotou, assim os que ficam não buscarão vingança, e nem terão motivos pra guardar rancor, afinal, a morte é o outro lado da vida*”.

— Eu... Eu... Não queria que fosse assim, não queria! – os olhos se encheram de lágrimas outra vez.

— Eu sei que é doloroso, sei que é difícil, mas você precisa ser forte – Senji acariciou a cabeça do pequeno. — Mesmo que eu não seja seu pai de verdade, eu o criei e o amei como se fosse o meu filho, e isso nunca vai mudar!

— Obrigado, papai! – abraçou Senji, não hesitou em chamá-lo de pai, pois mesmo depois de ouvir a verdade, o amor que tinha por aquele que o criou por toda sua vida não havia mudado.

A verdadeira origem do garoto híbrido, a verdade que mudaria toda a sua vida e traçaria o seu destino.

Em algum lugar do universo – Desgária, a Fortaleza dos Lowders –
Setor de Pesquisas e Tecnologia.

Na área leste da Grande Fortaleza Planetária encontrava-se o setor de pesquisas militares do exército lowder, onde estudavam e criavam novas armas e facilidades para suas tropas.

Todos os tipos de equipamentos podiam ser vistos, desde armas semelhantes a pistolas, a espadas e trajes de batalha. Os cientistas lowder as analisavam em busca de melhorar sua eficiência, enquanto alguns soldados voluntários as testavam para eles.

No fundo do laboratório, em uma área isolada, uma enorme plataforma circular se destacava, estava cercada por três pilares, um a direita, outro a esquerda e o terceiro ao fundo, e acima deles fluuava um anel magnético, no interior deste estava um conjunto de três esferas.

Subitamente os três pilares começaram a brilhar intensamente, o anel acima deles começou a girar em altíssima velocidade, enquanto as esferas geravam pequenas descargas elétricas.

— O Portão do Tártaro está sendo ativado! – alertou um cientista.

— Com que autorização?! – indagou o cientista chefe. — De onde está vindo o sinal?! Descubra quem é o responsável! – ordenou.

Um dos cientistas correu para próximo da plataforma, um pequeno teclado emergiu de um compartimento no chão, um monitor holográfico se abriu, o lowder começou a digitar.

— O sinal com certeza é de um dos nossos Styx, mas não consigo localizar a origem e nem identificar o portador! Algo está interferindo! – continuou buscando, quando percebeu uma anomalia. — Isso é ruim! Tem uma enorme quantidade de energia transitando pelo túnel espacial! – alertou. — Vai sobrecarregar!

— Feche o portão imediatamente! – ordenou.

— Não consigo! – o teclado sofreu um curto-circuito e explodiu.

O anel elevou-se alguns centímetros, as esferas se posicionaram acima de cada pilar e lançaram uma descarga elétrica no centro do círculo me-

tálico abrindo um portal de onde um raio de luz desceu ao centro da plataforma acompanhado de uma explosão de eletricidade que atingiu todo o laboratório, causando uma série de curtos-circuitos.

O alerta vermelho foi acionado, os cientistas recuaram, soldados armados entraram no local e se posicionaram para atacar. Aos poucos a fumaça começou a dissipar, uma figura foi se tornando visível.

— Lorde... — o soldado engoliu seco. — Lorde Garougo! — anunciou.

Diante deles apareceu Garougo, seu corpo estava totalmente exposto, cheio de gravíssimas queimaduras que expunham a sua carne, ele havia perdido o braço esquerdo e a perna direita, mantinha-se firmemente em pé com apenas a outra perna. O lado direito do rosto estava deformado, o olho direito tinha sido destruído, na outra mão, ainda segurava a sua espada, mas os ossos do antebraço estavam visíveis e carbonizados.

Os soldados ficaram pasmos, não se moveram e nem disseram nada, se mantiveram em completo silêncio, mais pelo estado do corpo do poderoso Comandante, do que pela presença do mesmo.

— Aquela maldita...! — ele falou. — Ela era uma humanide! — pressionou os dentes, furioso. — Droga!

Garougo urrou como uma fera em cólera, seu berro fez todo o Setor de Pesquisas tremer. Os soldados e cientistas tamparam os ouvidos para se proteger do som estridente, a fortaleza inteira escutou, até mesmo Garo de dentro da sala do trono percebeu.

— Me tragam uma armadura! — ordenou, com o olhar cheio de fúria. — E digam ao meu pai que eu voltei!

— Lorde Garougo, o senhor deveria cuidar desses ferimentos! — pediu um dos cientistas, preocupado.

— Calado! — o príncipe lowder o cortou ao meio. — Meus ferimentos podem se curar sozinhos! — os outros tremeram. — Me tragam próteses e equipamentos de apoio! Rápido!

Os soldados e cientistas rapidamente se dispersaram e se moveram para cumprir as ordens do furioso Comandante.

— Isso não vai ficar assim! Vou matar aquela aberração!

Garougo ainda estava vivo, o príncipe lowder escapou da morte certa e agora era consumido por uma fúria insana.